



FERNANDO DE LIGÓRIO

Bindu Branco & o Bindu Vermelho

*N*o corpo masculino, o *shukla* (*bindu* branco) emana da região da lua na forma de *amṛta*, o néctar da vida, gotejando do *bindu-visarga* para baixo na região do *viśuddhi-cakra*. Devido às propensões naturais, do *viśuddhi* ele cai na região do *agni-maṇḍala*, o *maṇipūra-cakra* onde é consumido pelo sol. Posteriormente, ele cai nos centros mais inferiores onde é transformado em sêmen e escapa do corpo. Embora o *bindu* caia dos centros superiores aos inferiores no processo natural da vida, ele pode ser revertido e impulsionado novamente para os centros superiores através das práticas de *kuṇḍalinī-yoga*, reintegrando-se com sua fonte, o *bindu-visarga*. A natureza do sistema feminino é diferente a este respeito. Ele está relacionado com o *rajas* (*bindu* vermelho), que é estabelecido nos centros inferiores e está associado com o sistema reprodutivo e o ciclo menstrual. O *rajas* é unido com o sol na região do *maṇipūra-cakra*, o que revela que a tendência natural da mulher é criar e suportar a vida. A mulher não precisa transcender o mundo natural a fim de adquirir experiências espirituais. Sua receptividade interna cresce através do processo natural da vida, especialmente nos períodos de reprodução, o que resulta na experiência direta da Realidade Última. Por conta disso, no passado, as mulheres geralmente não se envolviam com práticas espirituais a fim de despertar sua natureza divina e seus poderes relacionados. Contudo, a mulher que canaliza o *rajas* aos centros superiores experimenta um despertar mais poderoso do que o homem, pois o *rajas* é muito mais forte que o *shukla*, especialmente quando está concentrado nos centros inferiores. É por conta disso que a contraparte feminina, a *dūtī* ou sacerdotisa, sempre foi essencial na tradição tântrica.

De acordo com o Tantra, o *bindu* existe em duas formas, o branco e o vermelho. O *bindu* branco representa o princípio-consciência, *Puruṣa* ou *Śiva*. O *bindu* vermelho representa o princípio-energia, *Prakṛti* ou *Śakti*. Dentro de cada indivíduo o *bindu* branco se origina no assento da lua, o *bindu-visarga-cakra*, e o *bindu* vermelho no assento do sol, o *maṇipūra-cakra*. Embora ambos os *bindus* estejam presentes em cada indivíduo, o

branco é predominante no corpo masculino e o vermelho no corpo feminino.

Quando o *bindu* branco cai, ele é transformado em sêmen (*shukla*) ou fluído masculino reprodutivo. Quando o *bindu* vermelho cai, ele se torna fluído menstrual (*rajas*). Através de práticas específicas de *kuṇḍalinī-yoga*, o sêmen produzido pelo corpo masculino pode ser transmutado novamente em consciência. Similarmente, o fluído menstrual produzido pelo corpo feminino pode ser transmutado novamente em energia. Este processo de transformação somente é possível porque em um nível sutil estas duas energias existem na forma de sementes ou *bindus*. No processo *yogī*, é extremamente importante reter estes dois *bindus* pelo processo de sublimação; somente desta maneira o progressivo despertar das forças espirituais elevadas não será obstruído.

Rajas é descrito nas escrituras como um vermelho radiante, uma referência clara ao fluído menstrual. Contudo, o óvulo é a manifestação física do *bindu* no corpo feminino. O folículo ovariano, que nutre e envolve o óvulo, é responsável pelo ciclo menstrual. O fluxo menstrual e as secreções vaginais são manifestações dependentes do óvulo porque o folículo ovariano secreta estrogênio e progesterona, hormônios que induzem a proliferação do revestimento uterino e sua expulsão durante a menstruação.

Portanto, o *bindu* vermelho ou *rajas* está relacionado com o ciclo reprodutor feminino em um nível físico. Em um nível prânico, contudo, *rajas* corresponde a *prāṇa-śakti*, a força vital representada pelo sol e pela cor vermelha. O *maṇipūra-cakra*, atrás do umbigo, é o centro ou plexo solar, conforme o *kuṇḍalinī-yoga*. Ele é o grande armazém de *prāṇa* e o centro do fogo (*agni-maṇḍala*), simbolizado por um triângulo vermelho invertido. O *rajas*, neste nível prânico, situa-se nessa região.

Shukla, o *bindu* branco, é representado em um nível físico como o espermatozóide no organismo masculino, cujo veículo é o fluído seminal. O espermatozóide se torna o *bindu* quando o sêmen é sublimado. No processo de sublimação, nem o fluído ou a energia escapam do corpo. Contudo, não é a retenção ou a emissão do fluído seminal que importa aqui, mas a conservação da energia que é utilizada em sua produção.

O assento do *shukla* é a lua, que se relaciona com a mente ou *citta-śakti*, a força mental ou consciente. No *kuṇḍalinī-yoga* a lua é representada em dois níveis de evolução: no nível instintivo ela é representada pelo *swādhīsthāna-cakra* e no nível mental mais elevado pelo *bindu-visarga-cakra*.

Na simbologia dos *cakras*, a lua é associada a estes dois *cakras*. Portanto, o *bindu* branco está associado à produção do sêmen no nível do *swādhisthāna* e a secreção do *amṛta* no *bindu-visarga*. Assim, o *bindu* branco se relaciona com a lua, que corresponde tanto ao *swādhisthāna* quanto ao *bindu-visarga*, dependendo do contexto.

Como *rajas* ou *prāṇa-śakti* está associada ao sol na região do *maṇipūra* e se manifesta como força procriativa na região do útero ou *swādhisthāna*, ela se sustenta por *apāna*, a força prânica que usualmente desce da região do umbigo até o períneo. Os diferentes *mudrās*, *bandhas* e *kriyās* do *kuṇḍalinī-yoga* revertem o fluxo descendente de *rajas*, de maneira que ele possa novamente voltar a região de *agni-maṇḍala* ou *maṇipūra-cakra*.

Neste processo, o grande armazém de *prāṇa* no *maṇipūra* é gradativamente ativado e desperto pela força de *rajas*. Posteriormente, pelas mesmas técnicas citadas acima, o despertar do *prāṇa* ou *rajas* é dirigido para dentro da *suṣumṇā-nāḍī*, de onde ascende com grande força e se integra com o *bindu*. Esse processo pode ser comparado ao despertar da *kuṇḍalinī* no nível de *maṇipūra*. Portanto, é dito que com o despertar da *kuṇḍalinī* a partir do *mūlādhāra*, *prāṇa-śakti* ascende como uma garoa fina, mas quando a *kuṇḍalinī* desperta a partir do *maṇipūra*, ela ascende como uma torrente de energia, um verdadeiro vulcão em erupção.

Integrando *rajas* com o sol na região do *maṇipūra*, o despertar da *kuṇḍalinī* se torna estável e continuamente progressivo. O despertar da *kuṇḍalinī* a partir do *mūlādhāra* nunca é permanente. Ela sobe e desce devido à ação gravitacional das identificações e associações materiais. Não existe força o suficiente para atravessar as barreiras kármicas e instintivas dos centros mais inferiores. Contudo, quando a *kuṇḍalinī* é desperta a partir do *maṇipūra-cakra* pela integração do *rajas* com o sol, não existe queda posterior e o *rajas* sobe desimpedido através da *suṣumṇā-nāḍī* para se integrar com *bindu*.